

A MATERNIDADE NEGRA LGBT EM *MATA DOCE*, DE LUCIANY APARECIDA

Ana Carolina Morais de Souza

(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Paulo Henrique Pressotto

(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

RESUMO	ABSTRACT
<i>Mata doce</i> (2023) é o primeiro romance da baiana Luciany Aparecida, já reconhecida no cenário literário por seus contos e poesias. O romance tem como protagonista Maria Teresa que vive com suas mães em um antigo casarão de família, construído pela matriarca Eustáquia da Vazante, mulher valente que havia fugido do escravismo, indo se refugiar naquele local; ergueu o imóvel e fundou povoado de Mata Doce, juntamente com todos aqueles que ali chegavam fugidos e procuravam apoio na mulher por sua força. Na narrativa, acompanhamos desde a chegada de Filinha, como também é chamada Maria Teresa, até seu fim, numa história não linear e repleta de eventos emocionantes. <i>Mata doce</i> é uma história potente e com muitos atos cruéis de homens brancos e gananciosos como o infame coronel Amâncio, mas também de muita ternura, amor e poesia como os vividos pelas mulheres do lajedo, mães de Filinha: a professora Mariinha e a travesti Tuninha. O presente trabalho almeja realizar uma análise interpretativa sobre a maternidade negra e LGBT representada no romance, à luz de conceitos teóricos como os de Bento (2017), Baia (2021), Baracat (2021), Bastos (2021), Collins (2019), Maux (2010) e Zambrano (2005). Buscando realizar uma análise reflexiva e crítica sobre essa potente obra da literatura de ficção contemporânea nacional que traz temas essenciais para serem debatidos na atualidade, fazendo também com que a obra seja assim mais conhecida pelo público.	<i>Mata doce</i> (2023) is the first novel by Bahian Luciany Aparecida, already recognized in the literary scene for her short stories and poetry. The novel has as its protagonist Maria Teresa, who lives with her mothers in an old family mansion, founded by the matriarch Eustáquia da Vazante, a brave woman who had fled slavery and had taken refuge in that place, building the mansion and founding the village of Mata Doce along with all those who arrived there on the run and sought support in the woman for her strength. In the narrative, we follow from the arrival of Filinha, as Maria Teresa is also called, to her end, in a non-linear story full of exciting events. <i>Mata doce</i> is a powerful story with many cruel acts of white and greedy men like the infamous Colonel Amâncio, but also of great tenderness, love and poetry like those experienced by the women of the lajedo, Filinha's mothers: the teacher Mariinha and the transvestite Tuninha. The present work aims to carry out an interpretative analysis of black and LGBT motherhood represented in the novel, through a bibliographic review in the light of theoretical concepts such as those of Bento (2017), Baia (2021), Baracat (2021), Bastos (2021), Collins (2019), Maux (2010) and Zambrano (2005). Seeking to carry out a reflective and critical analysis of this powerful work of national contemporary fiction literature that brings essential themes to be debated today, also making the work better known by critics and the public.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mata doce; Maternidade LGBT; Violência	Mata doce; LGBT Maternity; Violence

INTRODUÇÃO

Mata Doce (2023) é o romance de estreia da escritora e professora baiana Luciany Aparecida, já conhecida no cenário literário nacional por seus contos, peça e poesias. Nessa sua primeira longa história, a autora traz como protagonista Maria Teresa, também conhecida como Filinha, uma criança órfã que é encontrada e adotada por um

casal de idosas: Mariinha, a conhecida professora do povoado, e Tuninha, a travesti do lajedo.

Desde o momento em que é encontrada por Tuninha, vagando entre a plantação de bananeiras próxima do casarão das mulheres até a sua velhice e morte, Maria Teresa narra os acontecimentos de sua vida e de todos aqueles que passaram pela casa de suas mães, compartilhando as alegrias e dificuldades da vida. Embora narre em terceira pessoa, em alguns momentos a narradora faz questão de demonstrar que é dela a história contada e o peso que isso implica.

Aparecida é dona de uma prosa afiada, com um enredo não linear e poético em muitos momentos; discorre sobre a vida de personagens emblemáticos e completamente carismáticos, que ganham o leitor desde o primeiro momento. São sujeitos que apresentam força, resiliência e mantêm uma ternura mesmo na aridez da paisagem coma crueldade do racismo, além dos percalços que enfrentam. A maioria dos que vemos no povoado de Mata Doce é descendente de escravizados que chegaram na região fugindo de sua antiga condição imposta e que fizeram dali seu lar, entre os vivos também são narrados os fantasmas e os ancestrais que ali coexistem.

Os episódios mais cruéis e sangrentos do romance são originados em grande parte por um dos únicos brancos existentes na região de Mata Doce, o coronel Gerônimo Amâncio, que é respaldado por homens da lei, capangas e, obviamente, por dinheiro e privilégio racial. O coronel causa dor e traz muitas desgraças a várias famílias, inclusive a de Maria Teresa, que tem o noivo Zezito, morto a tiros na véspera do casamento. Seu assassinato foi provocado por uma disputa de terras entre ele e Amâncio; este tomou posse das terras do pai de Zezito e represou a água do rio para que ninguém do povoado tivesse acesso; ela estava sendo usada somente em sua fazenda e para sua criação de gado.

Mata Doce é um romance profundo que debate muitas temáticas imprescindíveis para a contemporaneidade, como racismo, homofobia, religião, disputas de terra, entre outros. No presente trabalho, objetiva-se explorar a temática da maternidade negra e LGBT existente na obra, por meio de uma análise interpretativa respaldada por conceitos teóricos como os de Baia (2021), Collins (2019), Baracat (2021), Bastos (2021), Bento (2017), e Zambrano (2006). Busca-se realizar uma análise crítica e pertinente que possa divulgar ainda mais a obra ao leitor.

Ao explorar os temas latentes na obra, a maternidade das personagens Tuninha e Mariinha é um dos que logo salta aos olhos, pois pode ser reconhecida como “não convencional”, ou melhor expressando, uma maternidade que destoa dos modelos heteronormativos de uma sociedade racista e patriarcal. Existem três fatores de

interseccionalidade¹ no maternar dessas personagens que merecem atenção especial: em primeiro lugar, a sua maternidade vem por meio da adoção de Filinha, uma criança que foi abandonada próxima à sua casa; em segundo, as duas personagens são negras, e é preciso levar em conta o recorte racial; e, por fim, são LGBT, Tuninha é travesti, e Mariinha é casada com essa pessoa que se reconhece no gênero feminino, entre as duas há uma relação homoafetiva, e as duas desempenham a homoparentalidade.

1 MATERNIDADE NEGRA

A grande maioria dos residentes do povoado de Mata Doce é de pessoas negras, descendentes de escravizados que fugiram e se refugiaram naquela região: “Os Sales também eram pretos de Mata Doce, como as senhoras e como Filhinha, bem como quase toda a gente dali. A diferença de cor de Mata Doce era só Gerônimo Amâncio” (Aparecida, 2023, p. 25), o poderoso e rico coronel que possui fazenda e cria gado na região. Podemos compreender a existência de Mata Doce como um ato de resistência, algo que é comum nas comunidades e nas mães negras. Collins, ao definir a sobrevivência e a resistência dos afro-americanos, afirma que:

[...] sobreviver é uma forma de resistência, e sua luta para garantir a sobrevivência dos filhos representa o alicerce do ativismo das mulheres negras. Historicamente, a resistência dos afro-americanos à opressão racial e de classe teria sido impossível sem a luta pela sobrevivência em grupo (Collins, 2019, p. 329-330).

A primeira pessoa a chegar ao local que viria a se tornar o povoado é a bisavó de Maria Teresa, a corajosa Eustáquia da Vazante, que com suas próprias mãos construiu o casarão que havia deixado como herança para a neta Mariinha:

Ali, no casarão do lajedo, moravam as três mulheres da Vazante, Mariinha, Tuninha e Maria Teresa.

Eustáquia da Vazante, avó de Mariinha, chegou primeiro àquele lugar por intermédio de gente que trabalhava no movimento de acolher o caminho de quem escapava para a liberdade. Ali, guardada com um machado, arma de sua proteção, ela tomou prumo e fez o casarão sede de amparo (Aparecida, 2023, p. 22).

¹ “Interseccionalidade é a interação ou sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso a direitos. Identidade de gênero, raça/etnia, idade, orientação sexual, condição de pessoa com deficiência, classe social e localização geográfica são alguns desses fatores que se combinam para determinar os alvos de opressões e como essas desigualdades irão operar” (Moragas, 2023).

Mata Doce se tornou o refúgio de mulheres fortes desde o princípio; logo após a chegada de Eustáquia, muitas outras vieram e com a ajuda dela, ali fizeram residência, assim o povoado foi encorpendo. Ao longo de toda a sua existência, aquela região tornou-se o refúgio de mulheres que precisavam de abrigo e auxílio:

Sobre a natureza dura de Mata Doce as mulheres daquelas terras sustentavam suas histórias. A primeira havia sido Eustáquia da Vazante, avó da professora Mariinha, mas no encalço delas muitas chegaram ali. Uma delas foi Agostiniana dos Santos, a fundadora da Casa de Oiô, terreiro dedicado a Xangô, que em Mata Doce se fixou no meio do povoado, num trecho de mata que ficava entre o lajedo e as terras do rio Airá. Com o tempo e a história, Mata Doce foi sendo um lugar de acolhimento e amparo para mulheres desvalidas (Aparecida, 2023, p. 26).

A maternidade para pessoas negras possui matizes próprios, pois é completamente permeada pelo racismo estrutural existente na sociedade. Como afirma a pesquisadora Luara Paula Vieira Baia:

[...] considero pertinente a compreensão da maternidade por meio de um recorte racial. Entender como mulheres negras se veem dentro dessa experiência e o que ela significa, tanto para elas como para a sociedade, é um aspecto bastante relevante, visto que fazemos parte de um grupo que compõem 54% da população brasileira (Baia, 2021, p. 27).

A forma como famílias negras criam seus filhos é completamente pensada. Considerando o racismo, os cuidadores das crianças sabem o que os pequenos enfrentarão fora do ambiente familiar e buscam fortalecê-los para que saibam lidar com as adversidades que poderão encontrar nos ambientes hostis, afinal: “O racismo não é uma opinião, não é um sentimento; é a base onde toda a sociedade foi construída. Está em tudo o que aprendemos, em como fazemos nossas escolhas e em como ensinamos nossas crianças” (Bastos, 2021, p. 294).

Tuninha e Mariinha não escapam a proteção que mães negras visam dar a suas crianças. As duas se esforçavam para dar a filha todas as melhores oportunidades e seu asseio era sempre garantido. A pesquisadora Luara Baia, que conduziu um estudo entrevistando mães negras, aponta como essas mulheres buscam garantir acesso e melhores condições aos filhos, visando driblar certos episódios:

[...] afinal, o que quer uma mãe preta? As tentativas de blindar o filho do preconceito e discriminação parece ser um dos motes de ação da maternidade de Rita. Segundo ela, sempre considerou, e ainda hoje considera em alguma medida, o acesso financeiro uma maneira de

proteger o filho do racismo do mundo (Baia, 2021, p. 74).

Também as mães de Maria Teresa se posicionam, alimentam a ideia de que a filha possa ter as melhores opções que elas puderem proporcionar, não querem que a filha sofra com o racismo estrutural. Apostam nos estudos disponíveis nas redondezas como uma arma para munir a filha. Afinal, “aprender que terão de trabalhar e que a educação é uma estratégia de ascensão também pode ajudar a elevar a autoestima e a autoconsciência das jovens negras” (Collins, 2019, p. 306). Assim,

Mariinha e Tuninha fizeram de um tudo para que ninguém tivesse nada que dizer de sua filha, para que ela tivesse um futuro, pudesse fazer escolhas. Maria Teresa não fazia vergonha a ninguém. Havia tirado diploma de datilografia, aprendido bordado ponto de cruz, sabia fazer doces e salgados, pintura em tecido e cobertura de bolos de festa (Aparecida, 2023, p. 29-30).

A ideia de gerar possibilidades para a filha, de garantir que ela obtivesse sempre o melhor e assim pudesse fazer as escolhas que melhor aproovessem, veio por meio de muito sacrifício das duas senhoras, tanto financeiro quanto emocional, pois elas precisavam pagar por todos os cursos, roupas, transporte e material, como também precisavam ver a filha se afastar, viajando do casarão em Mata Doce para a cidade próxima, Santa Stella, onde teria acesso a todas essas coisas:

Mariinha e Tuninha fizeram de um tudo para que a filha conseguisse aquele curso. Mariinha, por intermédio de Angélica, que ainda ia à cidade, arranhou uma vaga com desconto no Sacramentina e Silva, pelo vínculo que tinha com a instituição, e fez a matrícula de Maria Teresa, que todo sábado, por seis meses, carregou até Santa Stella para comparecer às aulas. Esse foi um período difícil e de muita privação para todas elas, porque além do preço do curso tinha o transporte, que elas pagavam para Thadeu. E todo sábado ajeitavam a menina para a viagem, que a filha delas não poderia passar vergonha.

A angústia de esperar a manhã do sábado inteira, com a menina indo e voltando sozinha, as castigava. Toda madrugada, antes do carro partir, Mariinha fazia centenas de recomendações a Thadeus para que ele não viesse embora sem Maria Teresa (Aparecida, 2023, p. 54).

A ideia de que “ajeitavam a menina para a viagem, que a filha delas não poderia passar vergonha”, é proeminente no materno negro, pois os estereótipos existentes na sociedade brasileira racista massacram as crianças, entre eles, existe, especificamente, o de rotular a pessoa negra de suja, e é desse estigma que Mariinha e Tuninha buscam

fugir para que a filha não fosse alvo de comentários maldosos. Baia traz o exemplo de Rita, numa de suas entrevistadas em pesquisa antropológica, que visa livrar o filho dos mesmos males que Maria Teresa poderia sofrer enquanto criança negra:

Para Rita, a dimensão do asseio é uma dimensão essencial da condição de pessoas negras. A obsessão com a limpeza ou a preocupação exagerada com essa questão não é uma novidade para pessoas negras, é de fato bastante cara a todas nós, tendo em vista que a construção de nós mesmos está repleta de concepções racistas e estereotipadas. Um dos estereótipos utilizados no processo de colonização até os dias de hoje, a respeito de pessoas negras, é o da sujeira, é muito comum ver associações cotidianas desse tipo, em programas de TV, nas conversas informais, entre outros (Baia, 2021, p. 81).

Mariinha e Tuninha buscavam proporcionar à filha dignidade e oportunidades, fazer com que a pequena crescesse em um ambiente saudável, repleto de amor e assim pudesse se desenvolver fortalecendo sua autoestima e o autocontrole necessário para vencer as opressões que pudesse vir a enfrentar futuramente. Tal comportamento vai ao encontro do que pontua a escritora negra Patricia Hill Collins: “Apesar dos perigos, as mães negras frequentemente encorajam as filhas a desenvolver as habilidades necessárias para confrontar condições opressivas” (2019, p. 306). Para além da educação e dos cursos, o casal buscava proporcionar tudo o que pudesse à filha:

Nenhuma das mulheres de Mata Doce havia se casado de papel passado. Nem mesmo Angélica, que veio da cidade.

– Preta também casa. Pode ter papéis. Um lugar nosso. Temos muitos direitos.

Lai ouvia e reouvia essas palavras de Mariinha, que sempre espalhou esperança para aquele povo. Era justo, naquele momento, que todos se unissem para fazê-la feliz. Que comemorassem com ela a festa do casamento da sua filha Maria Teresa com Zezito, filho da juíza dos Sales (Aparecida, 2023, p. 44).

Embora o casamento “de papel passado” possa parecer algo corriqueiro, para as mulheres daquela localidade, não era, Tuninha sequer tinha os documentos que comprovavam sua existência, a maioria das mulheres do povoado nunca viu alguém vestido de noiva, então proporcionar à filha um casamento que tivesse os papéis assinados, a celebração na igreja, e a festa, era de uma simbologia imensa para todas elas, pois conferia humanidade ao ato. Nessa esteira, tem-se o relato de Baia:

A maneira como Rita conduz sua maternidade nos dá muitos indicativos

do que possam querer mães negras, assim como indica uma experiência da maternidade vivenciada com um marcador racial. Em todo seu discurso a respeito de sua maneira de lidar com o fato de ter um filho negro, a interlocutora recai sobre o direito de poder ter direitos. Ao contar sobre sua experiência de maternidade, Rita aponta para uma série de estratégias na condução da criação de seu filho, todas elas ligadas ao reconhecimento da humanidade de seu filho e, conseqüentemente, de sua própria humanidade (Baia, 2021, p. 76).

Além disso, o casamento proporcionaria à filha companhia e amor para a vida, algo que as duas experienciavam tanto na companhia uma da outra e queriam também para sua menina. Esse era um medo que as mulheres tinham constantemente, pois já possuíam uma idade avançada e temiam que a filha não encontrasse amparo após suas mortes:

Tuninha nunca havia estado tão perto de uma noiva. Ela mesma nunca havia se vestido assim. Seu choro cruzava olhar com Mariinha e as duas se emocionavam, as duas sabiam que chorar ali era muita coisa. Era inclusive respirar um alívio de que sua filha não ficaria desamparada após o acabamento delas duas que já iam para mais de oitenta anos e que vinham sentindo os cansaços do tempo (Aparecida, 2023, p. 28).

Para incentivar ainda mais, Tuninha e Mariinha faziam questão de motivar, vibrar e incentivar a filha em cada progresso, em cada etapa, dando-lhe todo o amor possível, fazendo com que a garota se sentisse amada e impelida a alçar voos cada vez mais altos, sabendo que teria todo o apoio familiar que precisasse:

[...] e enquanto distribuía o doce a mãe lhe mostrou o quadro.

– Mainha!

– Mandamos fazer.

– Mainha, mas não precisava colocar no quadro.

– Precisava sim – Tuninha afirmou.

Ali estava o diploma da menina. Tuninha e Mariinha pararam na sala defronte ao quadro, orgulhosas da filha. Felizes da vida com o que vinham construindo com a menina (Aparecida, 2023, p. 66).

As mães de Maria Teresa lutavam diariamente para proporcionar o melhor à filha na fuga dos estereótipos; além de buscar um bom casamento para a menina, queriam garantir-lhe uma ocupação que não fosse a lida com o campo, um trabalho pesado que elas mesmas exerciam há muito tempo, junto com a maioria das mulheres da localidade. Para tristeza das mães, o plano de ofício é frustrado quando Maria passa a trabalhar matando bois na fazenda do único branco da região, o coronel Gerônimo

Amâncio:

Nem Tuninha nem Mariinha queriam que Maria Teresa seguisse a sina das trabalhadoras da roça. Por isso o aperto no peito das senhoras cresceu após o dia que presenciaram o aparecimento da Filinha Mata-Boi: não era aquele o destino que elas haviam cultivado para a filha (Aparecida, 2023, p. 69).

A ideia de evitar que a filha assumisse uma função subalterna mal remunerada, ainda mais uma que incorporasse estereótipos racistas, como o da mulher negra raivosa, que mete medo e tem uma força descomunal, acaba não se concretizando. Pois a filha vê o noivo ser morto na véspera do casamento e a partir daí assume uma postura de ódio. Essa ideia por parte de suas mães vai ao encontro do que afirma Collins (2019):

[...] muitas mulheres negras confinadas em trabalhos subalternos, difíceis e mal pagos resistem a transmitir a seus filhos imagens definidas externamente das mulheres negras como mulas, *mammies*, matriarcas ou jezebeis. Em vez disso, utilizam a família como uma esfera eficaz de influência feminina negra para fomentar a autoestima e a autonomia de seus filhos (Collins, 2019, p. 341).

O desvio que acontece na vida de Filinha é devido à crueldade e ao trauma, por mais que suas mães tenham lutado por sua felicidade, não foram capazes de protegê-la do evento macabro que marcou sua vida para sempre: seu noivo tem a vida ceifada covardemente na véspera do casamento.

Amâncio, após roubar as terras de Zezito, represa a água do rio e deixa todo o povoado padecer, tendo que se deslocar muitos quilômetros. O noivo confronta o coronel que aquiesce, mas guarda com rancor o afronte, e como retaliação ataca o rapaz pelas costas disparando várias vezes quando este passava para dar um último beijo na amada, antes do tão sonhado e aguardado casamento. Há aqui a violência enfrentada pelo sujeito.

2 MATERNIDADE E ADOÇÃO

Tuninha e Mariinha se tornam mães ao adotar a criança que aparece misteriosamente na plantação de bananas que cultivavam próximo ao casarão onde moravam. As duas mulheres, já de idade avançada, reconhecem na garota a filha que tanto desejam ter e estavam prontas para amar:

No dia que Tuninha entrou em casa com a criança pequeninha nos braços, dizendo que a havia encontrado perdida na roça das bananeiras,

ela reconheceu ali sua filha, tomou a menina no colo, alimentou, banhou e disse à mulher que aquela seria a companhia delas, que viveria para sempre com elas e que lhes chamaria de mãe. E assim foi, ninguém nunca abriu a boca para contestar aquela história ou para requerer posse daquela criança que passou a ser mesmo filha da professora Mariinha e de Tuninha da Vazante. A menina chegou sem fala. Viveu anos assim, foi muito trabalho que Mariinha fez para a voz da pequena apontar nascimento. A professora fez tudo com toda a devoção necessária (Aparecida, 2023, p. 36).

A ideia de que as mulheres acolhem uma criança e assim estão realizando uma boa ação para aquele pequeno ser que aparecera ali morrendo de fome, sem documentos, sem fala e sem pistas de uma vida pregressa, pode ser apontado (julgado) por muitos, pois a adoção ainda hoje é vista de forma errada por muitas pessoas que não compreendem que o ato não é caridade (Maux, 2010), mas sim a constituição de uma família. A escritora Annie Baracat, que é mãe e relata o seu processo de adoção em livro, ressalta que:

adoção não é boa ação. É construção de família, e criança dá trabalho. Dá trabalho, pois é criança e cabe aos pais educar. Mesmo se a família é constituída por dois pais, uma avó, duas mães, um pai e uma mãe, uma mãe ou um pai solo. Somos nós os adultos da relação. Criança demanda atenção. Criança precisa de bronca e de doses extras de carinho (Baracat, 2021, p. 287-288).

A família criada por essas três mulheres é repleta de amor, carinho e ternura, Mariinha e Tuninha sempre quiseram aquela criança, desde o momento que a viram pela primeira vez passaram a amá-la cada dia mais, pois crescia conforme a consolidação dos laços e a convivência. Como afirma Baracat:

O amor foi construído dia após dia. Amar um filho é mágico, sim, mas, na minha opinião, o amor é como aquela planta que deve ser regada todos os dias. Quando você acha que já ama o suficiente, percebe que não existe suficiência para a maternidade. O amor duplica, triplica, quadriplica. Esse amor aumenta a cada dia, e não houve diferença nenhuma por não tê-lo gerado em minha barriga. Talvez até houvesse, sim, um desejo de suprir a carência que havia nele pelo abandono (Baracat, 2021, p. 278).

O desejo em suprir aquela criança e garantir que a possível carência por seu abandono são fatores reais e que perpassam pelas atitudes das mulheres, que além das questões referentes à maternidade negra como ressaltado no tópico acima, ainda buscavam dar todo o amor possível à menina, para que também esse ponto fosse

sanado. Em todo o romance, vê-se a ternura e o carinho com que as personagens se tratam e buscam amparar a filha:

Tuninha queria rir e abraçar a filha e lhe dizer que aquele ponto de cruz era o mais lindo que já tinha visto. Mesmo que não fosse. Mesmo que não se conseguisse entender com precisão o que aquelas linhas apontavam. Tuninha assim fez. Mãe e filha se abraçaram. Entre os risos, a menina quis a opinião da outra mãe:

– Mainha, e a senhora, o que achou?

Mariinha estava emocionada. Ela amava a filha, amava Tuninha, era feliz com a união de sua família (Aparecida, 2023, p. 120).

O amor e a forma como as mulheres cuidam da filha fazem parte dos relatos mais ternos e amorosos do romance, sendo sempre nítido o cuidado e a dedicação que as duas senhoras dedicam àquela menina que veio para mudar suas vidas. Mesmo nos momentos de dor e de maior rebeldia e desacato, Mariinha e Tuninha se colocam ao lado da filha e buscam confortá-la, desculpá-la de qualquer ofensa, como no dia da morte de Zezito quando Maria Teresa cortou e botou fogo na roseira branca que era o símbolo de beleza do casarão, e descontrolada pela perda quis quebrar itens da casa e tacar na fogueira outros:

– Minha filha, não precisa disso. Para – Mariinha estava cansada.

– Não me chama de sua filha. Não sou sua filha! Não sou filha de nenhuma de vocês.

O mundo parou.

A dor que passara toda a manhã do sábado apontando crescimento no peito da mãe da noiva agora se alastrava em cólera por todo o coração. As batidas aceleraram e espaçaram num mesmo instante. Mariinha caiu.

– Mariinha, Mariinha – Tuninha clama que sua senhora reagisse. – Lai, traz o álcool com folhas da despensa!

– Mamãe? – Filinha soltou a porta do armazém e virou para as mães. – Mamãe, mainha, me perdoa, mamãe – Filinha segurava sua mão (Aparecida, 2023, p. 112).

Mesmo neste momento de ofensa e renúncia da filha, Mariinha e Tuninha não castigaram ou ralharam com a garota, mesmo que tenham sofrido imensamente com a rejeição vinda em uma explosão de raiva. A preocupação do casal era inteiramente com o bem-estar da jovem, como qualquer outra mãe preocupada que ama a sua prole e entende o momento de dor. Não obstante, alguns insistam em fazer distinção entre a filiação advinda da adoção, é perceptível pela atitude das personagens, que não há diferenciação entre aquelas que gestaram e as duas senhoras que adotaram sua pequena. Como afirma Baracat, em relação a seu filho:

Em nenhum momento, nem quando da chegada dele, nem nos momentos de birra, nem hoje em dia vejo diferença na minha filiação. Ele é meu filho. Não sei como seria gerir uma vida, imagino que muito especial, mas meu filho é meu filho e ponto. Não existem filhos adotivos nem adotados. Filhos, apenas filhos (Baracat, 2021, p. 290).

Assim como Baracat faz questão de afirmar que seu filho é apenas um filho, pois as crianças não precisam de mais adjetivos além desse, a autora ainda pontua a luta que é preciso travar para se afirmar enquanto mãe de sua criança e a importância que isso tem, algo que é semelhante ao que passam Mariinha e Tuninha que fazem questão de se colocarem como mães da pequena Maria Teresa e “compram as brigas” quando necessário. Como declara Baracat:

Um filho vindo da adoção é apenas um filho. Filhos não precisam de adjetivos. Da mesma forma como você não chama seu filho biológico ou filho de fertilização in vitro, também não há motivo de chamar uma criança que já tem vários traumas de filho adotivo ou adotado.

Já precisei corrigir muitas pessoas, bem como comprar algumas brigas [...] Não sou mãe adotiva. Infelizmente, é um costume, um modo errôneo de se falar (Baracat, 2021, p. 287).

Mariinha e Tuninha lutam pelo bem de Filinha desde o momento em que a jovem entra em suas vidas até o derradeiro fim das senhoras que falecem com poucos dias de diferença. Como é comum a maternidade negra, as duas se sacrificam de todas as formas que conseguem para que aquela criança possa receber uma boa educação, tenha boas oportunidades no futuro e construa laços emocionais que a amparem quando elas partirem, como é o caso de seu casamento, visto pelas mães com bons olhos, pois garantiria que a filha não ficasse sozinha após a morte das duas. Também a garota temia a solidão que sentia desde que havia sido abandonada:

Mãe e filha se olharam e se puseram a chorar. Abraçadas, Mariinha sentia o cheiro da filha, alisava suas costas, passava a mão na cabeça da menina sem desajeitar o pano que cobria os cabelos enroladinhos em papalotes. Tuninha se achegou ao abraço beijando a testa da menina.

– Ei, não chora, meu amor, não foi nada, estamos aqui sempre com você. Filinha abriu um sorriso largo e enxugou as lágrimas. Não podia deixar que as mães entendessem seu medo. Não queria que sentissem que aquilo que a perturbava desde a infância, o medo da repetição da orfandade (Aparecida, 2023, p. 31-32).

Algo que deve ser ressaltado sobre a adoção de Maria Teresa é que embora não

tenha se dado pelos meios legais no começo, pois as duas senhoras não passaram pelo processo burocrático inicial, entrando em uma fila e seguindo todos os protocolos, ainda sim, Mariinha logrou com que a jovem conseguisse ter documentos em seu nome, sendo registrada oficialmente como sua filha: “Maria Teresa da Vazante era filha de Mariinha da Vazante e de Tuninha da Vazante, que fazia uso orgulhoso do mesmo sobrenome da companheira” (Aparecida, 2023, p. 21), embora Tuninha não tivesse os mesmos documentos de comprovação como as outras duas.

Também é importante a reflexão sobre o que seria da vida de Maria Teresa se essa fosse destinada ao sistema de adoção e não tivesse encontrado aquelas mulheres que a acolheram prontamente. Segundo os dados sobre adoção no Brasil, “informações do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) mostram que, de cada dez candidatos, seis indicam alguma preferência étnica no formulário. Entre eles, a maior parte quer crianças brancas e só 4,2% escolhem crianças negras” (Nunes, 2022), e quanto ao interesse na adoção de crianças maiores de oito anos de idade, os dados também são desoladores: “a preferência é praticamente por bebês 17,97% desejam crianças até um ano de idade; 19,90% de um aos dois anos; 20,50% de dois aos três anos; 18,32% de três aos quatro anos. Pessoas interessadas em adotar crianças com mais de oito anos somam menos de 1%” (COAD, 2011).

A pequena poderia ficar muitos anos em uma instituição, pois em pesquisa do CNJ, “de acordo com o levantamento, a preferência das famílias adotantes é por crianças brancas, com até três anos de idade e que não apresentem laços familiares prévios ou condições de saúde que exijam cuidados especiais” (Serpa, 2024). Maria Teresa poderia passar toda sua infância e adolescência no sistema de adoção e depois não ter o amparo de uma família como teve das duas mães que a adotaram e a cuidaram até seus falecimentos.

3 MATERNIDADE LGBT

Tuninha e Mariinha vivem uma maternidade homoparental por estarem em um relacionamento entre duas mulheres, sendo uma cisgênero e outra travesti. As duas mulheres demoram muito para adotar uma criança, Maria Teresa é incorporada à família quando Mariinha já passava dos sessenta anos de idade, um dos motivos que pode justificar o retardamento no aumento da família pode ser o do preconceito e da dificuldade que famílias compostas por travestis e transexuais encontram para adotar legalmente. Como Zambrano mostra:

Nas famílias de travestis e transexuais, o acesso à parentalidade se dá, em geral, pela adoção informal de crianças, oriundas de familiares, amigos,

vizinhos ou, simplesmente, qualquer criança abandonada. Esse modo informal de circulação de crianças é uma característica das classes populares brasileiras, conforme mostrado por Fonseca (2002). Comumente, essa parentalidade acontece devido a uma situação casual. A adoção informal, desse modo, resulta de uma conjunção entre o desejo de ter filhos e o compadecimento em relação à situação de abandono das crianças. Mais do que pena, a criança abandonada desperta uma identificação com a sua trajetória pessoal de preconceito e abandono (Zambrano, 2006, p. 134).

Justamente esse é o caso de Tuninha, que tem a possibilidade de se tornar mãe quando uma criança abandonada surge em sua propriedade. Talvez, se não fosse dessa maneira inicialmente informal, a travesti não teria conseguido adotar com sua companheira, pois pensar no processo burocrático exigiria uma demanda muito grande das duas, para ela seria completamente inviável. Como pontua Zambrano:

As travestis, porém, raramente pensam na possibilidade de acionar a via judicial para adotar, devido ao preconceito que temem sofrer quando tentarem uma adoção. Como não fazem a cirurgia de transgenitalização, dificilmente conseguem trocar os documentos, o que, junto com a classe social (popular), a escolaridade (baixa) e a profissão (prostituição) (Zambrano, 2006, p. 134-135).

Tuninha sequer possuía documentos e usava o mesmo sobrenome da companheira com muito orgulho. Quando decidiram ficar com a garota, Mariinha teve que assinar toda a papelada como se fosse a única mãe legal:

Tuninha vivia em Mata Doce, nunca mais queria voltar a Santa Stella. Mas naquele dia ela foi. Foram as três pegar os documentos de adoção de Maria Teresa, que agora era filha de Mariinha de papel passado. Tudo que era caso de providência de papel daquela casa quem realizava era Mariinha, pois apenas ela tinha documentos de existência. Mas agora a filha delas, Maria Teresa da Vazante, também tinha papel de comprovação de sua vida neste mundo. As três estavam radiantes (Aparecida, 2023, p. 25).

Um dos motivos que faziam com que Tuninha não quisesse retornar à cidade de Santa Stella era o fato de que ali, para sobreviver, foi obrigada a se prostituir no prostíbulo local.

A relação de Tuninha e Mariinha é descrita ao longo do romance com muitas palavras de afeto, as duas convivem durante muitos anos e possuem uma relação sólida e estável, cheia de amor e respeito. Embora *Mata Doce* possua muitos momentos cruéis e

violentos, a relação LGBT vivida pelas duas senhoras não está entre as coisas ruins do enredo, sendo um suspiro dentro de uma narrativa que tem como um dos motes o assassinato covarde de um homem preto e honesto por um coronel branco, ambicioso e cruel.

As duas senhoras sentavam juntinhas no banco na beira do fogão a lenha. Era ainda finalzinho do inverno, o frio castigava suas juntas, os joelhos e os ombros doíam. Maria Teresa havia trazido de Santa Stella para as mães meias grandes que cobriam até os joelhos, mas Tuninha não quis usar. Mariinha estava com as suas. As duas, de vestido floral e casacos de lã até o meio das pernas, se aninham ainda como no tempo da mocidade, no começo do namoro. Teresa achava bonito que o amor das duas fosse assim estendido no tempo e pensava que ela também viveria algo tão grande com Zezito (Aparecida, 2023, p. 58-59).

A filha, quando olha para as mães, só consegue pensar o quanto o amor delas é bonito e gostaria de viver algo semelhante com seu futuro esposo, pois em todos os momentos as duas demonstravam tanto amor e sincronia que era impossível ver tais cenas e não as admirar. Além do respeito e do amor, Mariinha e Tuninha buscavam compreender e suprir os medos e receios uma da outra e aplacar quaisquer sofrimentos que pudessem se abater sobre elas:

As duas amantes tinham uma conexão tão grande que da beira do fogão Mariinha sentiu a angústia apertar o peito da mulher e foi ao quintal colher um cacho de rosa branca, que ofertou à esposa na cozinha.

– Toca uma valsa de dança, Mané.

Mariinha fez o pedido ao músico e estendeu a mão para Tuninha. As duas senhoras se puseram a dançar na cozinha segurando o ramo de rosas brancas. Parece que à medida que elas dançavam o cheiro tomava o ar e acalmava qualquer premonição de fim de mundo (Aparecida, 2023, p. 70).

Ainda que as mulheres vivessem em um pequeno povoado, distante de grandes cidades e majoritariamente rural, as pessoas do local sabiam que propagar preconceito descaradamente não era uma opção, pois a família era conhecida pelo seu gênio forte e coragem. Mariinha era neta da fundadora de Mata Doce, uma mulher que sozinha construía o casarão e acolhera todos aqueles.

O povo de Mata Doce passa as vistas por cima para o entendimento que ali naquela casa mandavam as mulheres. Pois sabiam o gênio da professora Mariinha e de Tuninha, a travesti do lajedo. Ninguém em sua casa indagava nada sobre suas vidas. A menos que elas mesmas decidissem contar seus casos, e cabia a toda a gente apenas silenciar e ouvir (Aparecida, 2023, p. 34).

O único que expressava desdém e preconceito abertamente para com as mulheres da Vazante era o poderoso coronel Gerônimo Amâncio, que ao contrário das mulheres que eram respeitadas no povoado por sua força, coragem e caráter, era respeitado por ter amigos na polícia da cidade grande e por resolver tudo com truculência e tiros. Ao saber que as duas mulheres haviam adotado uma pequena garota, o homem não hesitou em agir com escárnio, mesmo que seu encontro com Mariinha tivesse se dado com a professora precavendo o homem de um presságio, que os Orixás o haviam enviado, sobre a possível morte de seu único filho homem:

- Quer dizer que agora a professora cria uma menina.
 - É minha filha.
 - É sua filha? E quem foi que veio aqui lhe emprenhar?
- O coronel soltou uma grande risada (Aparecida, 2023, p. 99).

Apesar do preconceito por parte do rico coronel, Tuninha e Mariinha desfrutavam da boa convivência com todos os outros moradores de Mata Doce e principalmente com a filha que cresce em um ambiente de amor e carinho. Separar-se das mães passa a ser algo impensável para Maria Teresa, pois sabia o quanto suas mães a estimavam e o sentimento era recíproco, também, deixar as mães idosas sozinhas não é algo que a filha faria facilmente: “A menina nem pensou em procurar trabalho na cidade. As mães já estavam velhas e se afastar delas não era uma possibilidade. E os dias passados em Santa Stella para tirar o diploma foram sacrifícios que ela não fazia questão de repetir” (Aparecida, 2023, p. 71).

Em vários momentos, a personagem relata que não quer voltar a cidade onde se prostituía, deixando nítido o seu desgosto e tristeza. Segundo Bento, “Se a família de origem exilou a travesti, ela a reconfigura. Estratégias de sobrevivência nos são apresentadas e, neste caso, tornam-se estratégias de resistência” (2017, p. 101).

Sobre famílias que divergem da heteronormativa patriarcal, Bento ainda destaca algumas questões pertinentes:

O questionamento da heterossexualidade como única possibilidade dos sujeitos viverem suas sexualidades e a despatologização das homossexualidades têm desdobramentos na concepção de família. Gays e lésbicas reivindicam o direito à parceria civil e à adoção de crianças [...] O que está em jogo é uma disputa sobre as concepções de família. É interessante notar que essa disputa, de forma enviesada, termina por reforçar a família como “um valor” e acaba empobrecendo outras possibilidades de construir relações afetivo-sexuais que não estejam normatizadas pelo princípio de família (herança, parentalidade,

fidelidade). (Bento, 2017, p. 214)

A busca pelo aceite das famílias que fogem à normativa pode entrar em diversos debates pertinentes, inclusive os que pedem uma revisão do conceito e da forma como o imaginário coletivo está cristalizado, porém algo que deve ser salientado a importância que as personagens dão para a consolidação de seu núcleo familiar. Mariinha e Tuninha se fortaleciam enquanto casal e companheiras de vida e posteriormente queriam fortalecer a filha, fazer dela a legítima herdeira do casarão para que talvez, dessa forma, a garota tivesse um respaldo no futuro.

Ao pensar a interseccionalidade entre a negritude, a adoção, a sexualidade e o gênero presentes no maternar dessas personagens, compreende-se que não existe a pretensa normalidade, e buscar algumas garantias, mesmo que reforcem indiretamente certo modelo ou valor para o conceito de família, faz total sentido. Proteger as pessoas que se gosta, visando criar uma comunidade de apoio sólida e rica, é algo comum a pessoas negras e LGBT (Collins, 2019, Halberstam, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes não se debate a maternidade por ser esta uma questão que envolve ainda muitos tabus e tópicos delicados que preferem ser ignorados para não desmanchar estereótipos e ideias cristalizadas, como o conceito de família nuclear tradicional com um pai, uma mãe e seus filhos, todos brancos, de classe média e felizes. Quando se volta para o recorte da maternidade LGBT ou o da maternidade negra, os debates ficam ainda mais escassos, mas, como bem revela Baia (2021), ouvir o que as mulheres negras têm a dizer, inclusive sobre seu maternar, é uma forma de mudar os espaços aos quais elas são relegadas.

A discussão sobre maternidade é em si permeada por infinitos tabus, é comum ouvir que não se deve debater sobre ela, pois existe uma imensa vontade de manter o status quo e resguardar os estereótipos existentes (Baia, 2021).

Para aqueles que estão à margem – é muito mais complexo o debate pois a eles cabe o apagamento e a alguns grupos não se cabe nem o direito de maternar sem receber diversos questionamentos e preconceitos, afinal a maternidade está composta por diversas idealizações e essencializações que não comportam todos os corpos e deixa de lado a maioria dos corpos e experiência reais (Baia, 2021).

Assim, reconhecemos a importância de debater tal temática presente nessa obra de ficção contemporânea nacional, pois compreender as nuances existentes nas vidas das personagens que experienciam a maternidade negra, a adoção e a maternidade LGBT geram múltiplas reflexões e alargam as possibilidades de debate por trazerem tópicos

presentes na vida real. As personagens principais da obra são dissidentes de gênero e sexualidade e não performam muito do que se espera do estereótipo existente acerca da maternidade. Elas subvertem muitos dos tabus, e podemos compreender sua vivência como um grande ato de resistência, pois são mulheres negras e LGBTQs que criam uma criança adotada e vivem uma vida de amor e carinho, rompendo barreiras, lutando por sua dignidade e convivência feliz.

A narrativa mostra o quanto de resiliência e força é preciso para ser quem é em uma sociedade racista, heteronormativa, cisgênera e classista. As personagens são mulheres de luta, que fizeram tudo o que era possível para honrar seus antepassados e seguir uma vida digna. As mães de Maria Teresa deram tudo o que conseguiram para que a filha pudesse se destacar e não sofrer tanto com o preconceito; foram as mais amorosas possíveis e até seus últimos dias permaneceram ao lado da filha, buscando sempre sua felicidade e demonstrando que o amor e a família são pilares importantes, mesmo que o mundo seja opressivo e desgraças possam acontecer.

Mata Doce é um romance vigoroso, escrito por Luciany Aparecida, com personagens fortes e marcantes que trazem muito da vida real. Mulheres corajosas e senhoras de si, Mariinha e Tuninha são mães incríveis que criam sua filha com amor, carinho e muita luta, buscando sempre dar o melhor e fazer com que Maria Teresa cresça sendo uma mulher forte e podendo fazer escolhas.

Com o presente trabalho, buscou-se tocar na temática da maternidade, diferenciando-a em três partes: maternidade negra, adoção e maternidade LGBTQ, temática experienciada pelo olhar da protagonista e narradora do romance, Maria Teresa, que é filha do casal Mariinha, uma mulher cisgênero, e Tuninha, uma travesti. A abordagem foi amparada por conceitos teóricos como os de Bento (2017), Baia (2021), Baracat (2021), Bastos (2021), Collins (2019), Maux (2010) e Zambrano (2005).

REFERÊNCIAS

APARECIDA, Luciany. **Mata Doce**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

BAIA, Luara Puala Vieira. **Maternidade tem cor?**: narrativas de mulheres negras sobre maternidade. Curitiba: Appris, 2021.

BARACAT, Annie. Adotei. In: Várias autoras. **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de matinar. São Paulo: Fontanar, 2021.

BASTOS, Deh. Me tornei mãe e renasci como mulher preta. In: Várias autoras. **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de matinar. São Paulo: Fontanar, 2021.

BENTO, Berenice. **Transviados**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA,

2017.

COAD. **Adoção**: exigência quanto ao perfil da criança é o principal entrave. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/adocao-exigencia-quanto-ao-perfil-da-crianca-e-o-principal-entrave/2999101> Acesso em: 18 sep. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16, 2005. DOI: 10.7146/dl.v6i10.113653. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113653>. Acesso em: 18 sep. 2024.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020

MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. A adoção no Brasil: algumas reflexões. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 356–372, 2010. DOI: 10.12957/epp.2010.8959. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/8959>. Acesso em: 19 set. 2024.

MOURA, Bruno de Freitas. **Maior presença de negros no país reflete reconhecimento racial**. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/maior-presenca-de-negros-no-pais-reflete-reconhecimento-racial> Acesso em: 18 sep. 2024.

MORAGAS, Vicente Junqueira. **O que é interseccionalidade?**. Brasília: TJDFT, 2023. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/o-que-e-interseccionalidade> Acesso em: 18 sep. 2024.

NUNES, Caroline. **Seis em cada dez adotantes buscam por crianças brancas no Brasil**. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/seis-em-cada-dez-adotantes-buscam-por-criancas-brancas-no-brasil,68dc51313503461baf20e53d99ae3a0adn48n13n.html?utm_source=clipboard Acesso em: 18 set. 2024.

SERPA, Verônica. **Crianças brancas são preferência nos processos de adoção, diz levantamento**. São Paulo: Alma preta, 2024. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/criancas-brancas-sao-preferencia-nos-processos-de-adocao-diz-levantamento/> Acesso em: 18 sep. 2024.

ZAMBRANO, E. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123–147, jul. 2006.

Título em inglês:

THE BLACK LGBT MATERNITY IN MATA DOCE, BY LUCIANY APARECIDA